

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

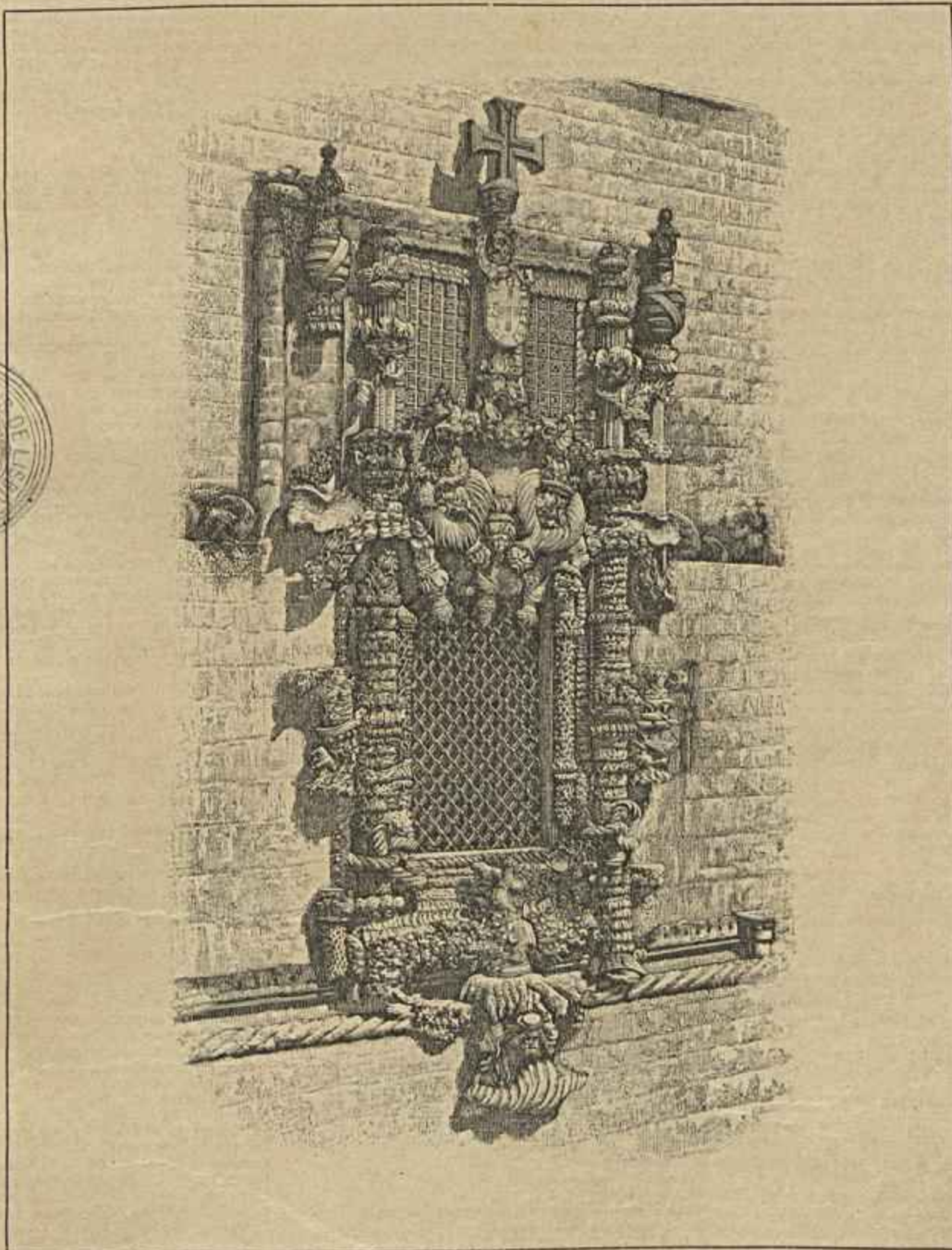
Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º A entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	38800	16900	5950	120
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	20000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	54000	25500	—	—

17.º Anno — XVII Volume — N.º 541

1 DE JANEIRO DE 1894

Redacção — Atelier de Gravura Administração  
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável: Cactano Alberto da Silva.



JANELLA DA CASA DO CAPITULO DO CONVENTO DE CHRISTO, EM THOMAR

(Cópia de uma photographia do sr. A. S. Magalhães)



## CHRONICA OCCIDENTAL

A chronica do anno novo deve ser sempre uma chronica alegre, já porque em dias de festa não se querem tristezas, já porque do mesmo modo que de pequenino é que se torce o pepino, é do principio do anno, que se ensina a Sorte a ter juizo durante todo o anno.

E' crença arreigada no espirito de quasi toda a gente, que o dia primeiro do anno é uma especie de modelo, de norma, para os 364 dias, que se lhe seguem e que todo, o que se faz n'esse dia, será repetido pelo anno fora e d'ahi o empenho de toda a gente em fazer n'esse dia as coisas que mais agradaveis lhe possam ser e cuja repetição mais praser lhe possa dar, e o cuidado em fugir de todas as maçadas, de todos os incommodos, de todas as semsaborias que tendo n'esse dia o inconveniente de nos serem desagradaveis, como são sempre, teem ainda o inconveniente muito maior de nos ameaçarem com a desagradabilidade da sua repetição, durante o anno que vae correr.

E por isso, por essa crença, que no dia primeiro de janeiro as ruas se enchem de gente, porque todos querem sair no primeiro do anno para sair todo o anno, que os theatros transbordam de espectadores, que fazem assim jus a um anno cheio de divertimentos, que os balcões das pastelarias e as montres dos restaurantes se despejam em homenagem á *bonne chair*, que toda a gente deseja ter por pão nosso de cada dia, durante o anno que começa, anno que todos enchem de lisonjas, de blandicias, de incenso, chamando-lhe até um anno bom, sem saberem se elle será bom ou mau.

Ora eu ignoro se essa crendice universal tem ou não razão de ser, entretanto fazendo ardentes votos para que não tenha, porque estou escrevendo esta chronica de dentro da cama, onde ha onze dias me prende uma erysipella impertinente, e não tenho absolutamente nenhum prazer em que essa erysipella e essa prisão se repitam pelo anno que vem entrando, não quero deixar de sacrificar a esse enguiço, que tão generalisado está e terêi o cuidado de pôr fóra d'esta chronica todos os acontecimentos tristes que se amontuaram nas ultimas semanas de 1893, que não foram tão poucos como isso, tratando apenas dos casos alegres do mez que passou.

A frente d'estes casos, na sua ordem chronologica, está um, que é um acontecimento artistico de primeira grandeza e que passamos em silencio no nosso ultimo numero, por ser esse numero consagrado especialmente ao Natal.

Esse acontecimento foi a estreia de Lucinda Simões no theatro de D. Maria.

Finalmente venceu-se essa batalha em que ha cerca de vinte annos andavam empenhados todos quantos se occupam a sério de questões artisticas na nossa terra, todos quantos se interessam de veras pelo brilho e pela gloria do theatro portuguez.

Desde 1876, desde a primeira vez que eu vi Lucinda Simões representar, no velho theatro das Variedades, n'aquella epoca memoravel para a arte portugueza, em que Lucinda Simões representou a *Dalila*, a *Estatua de Carne*, os *Intimos*, o *Demi-Monde*, o *Sapatinho de Setim*, a primeira peça do futuro glorioso auctor da *Mantilha de Renda*, das *Nadadoras*, da *Madrugada*, que eu entrei n'essa campanha, que só hoje se venceu, de fazer com que Lucinda Simões occupasse na arte dramatica da nossa terra o lugar, que de direito lhe competia no primeiro theatro do nosso paiz, ao lado dos primeiros artistas de Portugal.

E entramos n'essa campanha, não por causa dos interesses pessoais da actriz, mas unicamente por amor dos interesses sagrados da arte.

A Lucinda podia dizer, que o primeiro theatro seria sempre aquelle em que ella estivesse, e assim o demonstravam o brilho, a fama, a concurrencia que tiveram os theatros das Variedades, dos Recreios, do Gymnasio, do Principe Real, quando ella lá esteve a representar, mas o primeiro theatro portuguez, aquelle em que está reunida a fina flor dos nossos grandes artistas, é que necessitava de lá a ter a ella, que é das mais brilhantes e triumphaes glorias da arte nacional, a ella que é a grande actriz que todo o Brazil tem aclamado, a ella que é a grande actriz que a Hespanha consagrou com ovações entusiasticas, ovações tanto mais significativas quanto dias antes de Madrid

ter victoriado Lucinda Simões, tinha ouvido e applaudido a Sarah Bernhard.

A entrada de Lucinda no theatro de D. Maria não foi só um acontecimento artistico de primeira ordem, foi tambem um acontecimento mundano em Lisboa.

Muitos dias antes de entrar em ensaios a peça que devia servir de estreia á grande actriz, já não se encontrava um lugar para assistir a essa recita, que ainda não se sabia quando seria, que ainda não tinha dia marcado, e isto mostra bem o empenho, o interesse, com que o publico estava por assistir a essa estreia, que mais do que estreia foi uma consagração, uma apothose.

Na noite da estreia da Lucinda a enclente foi enorme, e a grande actriz foi acolhida, ao entrar em scena, com uma prolongada salva de palmas, e no fim de todos os actos teve calorosas ovações.

A peça escolhida para a estreia foi uma peça celebre na litteratura franceza, o *Casamento de Olympia*, de Emilio Augier, que não sendo com certeza das obras primas theatraes do illustre dramaturgo, é uma das suas peças mais ousadas e das que mais discutidas tem sido no mundo litterario.

O *Casamento de Olympia*, representado pela primeira vez em Paris, em 1855, assobiado na primeira noite e accusado de immoral por uns, defendido calorosamente por outros, voltou ali á scena em 1880, no Gymnase, revisto e modificado por Emilio Augier, que lhe augmentou e desenvolveu o papel do comico Adolpho, para ser desempenhado pelo actor Saint-Germain, e se uão causou as mesmas discussões violentas da primeira vez, ainda assim o contraste violento da segunda parte do 2.º acto, com a primeira parte do mesmo, o desenlace da peça, com o cynismo revoltante de Olympia, e o tiro final que tantas tempestades desencadeou em 1855, produziram certa estranheza no publico, apesar dos vinte e cinco annos passados, e fizeram com que o exito da peça não fosse muito a.ém das cincuenta recitas.

Em Lisboa, apesar de decorridos cerca de 40 annos sobre a primeira representação da peça em Paris e 14 sobre a sua *reprise*, o violento contraste entre os dois mundos differentes, que Augier apresenta com um tão vigoroso traço de talento, no segundo acto, e o desenho rudemente realista do caracter de Olympia, sobretudo quando a corteza se desmascara nas ultimas scenas da peça, produziram uma sensação um pouco estranha, que todavia não impediu que a peça fosse muito applaudida e que fizesse distincta carreira.

O desempenho da peça foi excellente, salientando-se nos primeiros papeis, — Lucinda Simões, que foi extraordinaria de talento e de arte na interpretação de Olympia, João Rosa magnifico no papel do marquez, que fez com toda a sua alta auctoridade artistica, Augusto Rosa esplendido no papel de Montrichard, fazendo com Augusto Mello, que tambem é optimo no seu papel, uma scena deliciosa no 1.º acto, que é das scenas mais bem representadas que temos visto em Portugal.

Ferreira da Silva fez com uma bella veia comica e d'um modo extraordinariamente superior o papel do comico Adolpho; Florinda caracterizou bem o seu papel de porteira, mãe de Olympia, um papel que faz um grande destaque no meio em que se passa a acção e que ella fez com graça e verdade; Emilia Lopes excellentemente no difficil papel de marquez, apresentando de dia para dia uns notabilissimos progressos no seu trabalho, que lhe fazem vaticinar um futuro artistico brilhante e proximo no nosso theatro; Maria Falcão, uma actriz nova que tem aptidões e vocação, fez muito graciosamente o seu pequeno papel, e até um debutante, o sr. Christiano de Sousa, que ainda não tinhamos visto representar, se sahio muito bem das difficuldades, que para um debutante tinha o papel de conde, que é um dos mais difficeis, e ao mesmo tempo dos mais ingratos e dos de menos effeito da peça de Augier. Não fez do papel uma criação brilhante, mas foi correcto e teve a habilidade de não desmanchar o *ensemble*, n'um papel de tanta responsabilidade, sendo novo no theatro e representando ao lado de primeiros artistas, e de primeiros artistas que estavam representando nas suas noites mais felizes.

Outra noticia alegre da segunda quizena de dezembro foi a da sessão solemne da Academia Real das Sciencias, no dia 17, com a assistencia de Suas Magestades El Rei e a Rainha D. Amelia, e classificamos essa noticia de alegre porque n'essa sessão, em que o dr. Thomaz de Carvalho leu uma brilhante allocução e o dr. Eduardo Burnay leu um notabilissimo elogio do fallecido chimico Agos-

tinho Lourenço, elogio muito bem elaborado e em que fez notavelmente a historia da chimica, o conselheiro Pinheiro Chagas, secretario geral da Academia, a quem longa enfermidade trazia ha mezes afastado de todos os trabalhos, leu um relatório sobre o movimento da Academia n'estes ultimos 13 annos, relatório escripto com o fulgor notabilissimo que caracteriza o estylo de Pinheiro Chagas, e lido com a sua eloquencia quente e brilhante, relatório que causou em toda a assembléa o mais vivo enthusiasmo e a mais sincera alegria por ser a demonstração frisante de que estava de novo restituído a saude e ao trabalho esse grande e glorioso luctador que é a mais brilhante gloria das nossas lettras e da eloquencia contemporanea portugueza.

Devia terminar esta chronica pela noticia da abertura de S. Carlos, e pela apreciação da companhia lyrica, mas essa apreciação só a poderia fazer por informações, em vista da doença que me prende em casa ha quinze dias.

Dizem que a companhia é das melhores, que tem cá vindo e que ha entre os artistas alguns de notavel valor, como o barytono Kuschmann, já nosso conhecido, a prima-donna Darclée e a prima-donna Mendioroz.

Entretanto, preferimos apreciar por conta propria a repetir opiniões alheias, e por isso adiamos para a proxima chronica a nossa apreciação da companhia de S. Carlos, se Deus quizer e a erysipella nos der licença.

Gervasio Lobato.

## O DISPENSARIO DA RAINHA

Pertransit beneficiendo.

Em harmonia com as doutrinas e exemplos do Divino Mestre que, na phrase de S. Lucas, passou pela terra, praticando unicamente o bem: *pertransit beneficiendo*, a Rainha de Portugal parece não ter outra occupação mais, do que exercer a sublime virtude da caridade christã. Inspirada n'aquelles exemplos e doutrinas, que são a verdade por excellencia, a virtuosa Soberana, com quanto não subisse ha muito ao throno, onde fulguraram, como astros de primeira grandeza em céu limpo e sereno, a *Rainha Santa* e a *Instituidora das Misericordias*, e no qual dá brilho e lustre ainda aquella, a quem o povo em um rapto de eloquencia, de gratidão e de justiça cognominou *Anjo da Caridade*, conquistou já a sympathia geral da familia portugueza, que por indole e religião forma um povo eleito, uma nação influenciada nos excessos e vehemencias da beneficencia.

E não é unicamente a *Mãe dos pobres*; a Senhora D. Amelia é tambem a *Enfermeira das crianças*. Sabe ser e tem tempo para ser ambas as cousas. Os cuidados e carinhos ineffaveis, com que trata os seus pequeninos enfermos, não a impedem de ir em pessoa á triste morada dos pobres, ouvir a historia lastimosa de suas paixões e de suas dores, chorar com elles, snavisar-lhes as maguas, deixar-lhes na mão a esmola e no coração o amor.

Comprehendeu a Senhora D. Amelia, que os bens da fortuna, longe de deverem ser considerados fonte de ventura, são pelo contrario um onus pezaquissimo, um estalo que impõe obrigações severas em presenca dos males alheios. E não a enfadaram as lamentações affectivas e perseverantes da indigencia, nem lhe repugnam o aspecto e os andrajos d'ella; commove-a o lugubre espectáculo da miseria, e, de cada visita que faz ao tugurio do pobre, traz um novo estimulo para proseguir na sua heroica e gloriosa empreza. Não desanima, não recua diante de esforço algum para dilatar o campo do bem que quer cultivar. Obedece á necessidade de consolar os que soffrem, como outros obedecem aos attractivos do prazer.

A pouco e pouco dirige-se ás pessoas opulentas e caridosas, interessa-as na sua obra de piedade, associa-se com ellas para promover as grandes festas em beneficio das victimas de tantas calamidades, que teem assolado o nosso paiz, e apresenta-se n'essas festas, gentilissima sempre, com aquelle angelico sorriso que denuncia a consolação intima da consciencia, bem como a força originaria das acções que são a honra da creatura humana, sobre a qual passa o sópro vivificante da Providencia Divina.

A virtude não é uma palavra vã; e alegre nos repetil-o n'este momento, em que as fallazes dou-

trinas do pessimismo invadem nossos lares, pretendendo destruir ou enervar ao menos as nossas mais santas crenças, e apagar até da nossa alma o nome de Deus, que nossas queridas mães nos ensinaram a pronunciar.

Mas a illustre Rainha é insaciável; tem a embriaguez do bem. Mediu as forças do seu thesouro, quasi exaustas por trazer o a render na mão dos pobres, em virtude de contracto que celebrou com o Céu, onde lhe será pontualmente pago o juro e capital, e quanto lhe restava empregou-o na fundação do seu dispensario.

Completamente estranha ás luctas da politica nacional que, devendo ter sido sempre a vida, parece querer tornar-se a morte do paiz, vae para o seu novo campo de batalha combater com denodo a desgraça.

E allí, como ninguém melhor do que a valorosa Soberana sabe apreciar as delicias do sacrificio, as mais peregrinas delicias que pôde experimentar o coração humano, agasalha, acaricia, alimenta e consola os seus innocentes hospedes, que são presa da miséria e da doença, d'esses dois inimigos implacáveis, a quem Ella, a solícita enfermeira, dirige em nome da Providencia um repeto na sua instituição caridosissima. Não sei que melhor exemplo de abnegação se tenha dado, e não sei tambem que melhor possa a senhora D. Amelia fazer ainda, para se tornar mais digna do amor e da veneração dos portuguezes.

O dispensario da Rainha traduz a idéa do *nosochomio* de Fabiola, tão justamente louvado por S. Jeronymo em uma de suas cartas, e a dos *bre photrophios* de que falla o imperador Justiniano, reunindo-se, porém, n'elle o que em dois estabelecimentos congeneres houve, e sendo consagrado sómente á cura e alimentação de creanças. Os economos do dispensario são cinco irmãos terciarias da ordem de S. Domingos, e algumas senhoras da nossa primeira sociedade fazem dias, nos quaes teem por dever assistir ás operações e consultas medicas, bem como ás duas refeições dos doentinhos. Não podem elles permanecer ainda, durante o dia todo, no dispensario, mas em breve lhes sera prestado mais esse beneficio.

Que scenas edificantes, e tão commoventes se passam n'aquella casa modesta, de uma simplicidade encantadora, sem a mais leve sombra de luxo, apropriada, porém, ao seu fim com esmero e previdencia inexcedíveis, á qual a Rainha e as Senhoras, que a coadjuvam, furtando-se algumas horas ao conforto e convívio attrahentes de seus palacios, vão alliviar os gemidos da innocencia, servir-lhe de mães desveladas e protectoras!

Algumas vezes é a propria Rainha, quem nos seus braços toma a criança, que tem de ser operada. Com que grandeza de animo, ainda nas operações mais dolorosas, Ella affaga a paciente. A sua ansiedade de ver o mal debellado estimula-lhe a coragem; e todavia não pôde sempre conter as lagrimas, em que se lhe desfaz o coração compassivo, e vão banhar a face da criancinha, como orvalho celeste sobre um botão de rosa em manhã risonha de primavera.

Abençoada Senhora! Poderse eu juncar de flores o caminho, por onde Ella passa, e saber mostrar-lhe quanto é grato ao meu coração de portuguez o exemplo que Ella está dando de esposa, mãe, filha e Rainha!

Zephyrino Brandão.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### JANELLA DA CASA DO CAPITULO NO CONVENTO DE CHRISTO, EM THOMAR

A formosa janella que a nossa gravura representa, é a unica que dá luz á casa do capitulo do convento de Christo, em Thomar; esse convento tão antigo e de que a propria casa do capitulo é tambem uma das obras que maior antiguidade n'elle mostram.

Vilhena Barbosa na sua bella obra *Monumentos de Portugal* diz nos o seguinte subjectivamente a esta parte do convento:

«A casa do capitulo é fabrica de el-rei D. Manuel. Foi começada, segundo julgo, mas sem d'isso ter a certeza, antes d'este monarcha subir ao throno, sendo então duque de Beja, governador e administrador do mestrado da ordem de Christo. Todavia o seu acabamento é posterior á aclamação d'este soberano, com o indicam as suas di-

visus, que avultam na janella d'aquella casa. Sobre a sua abobada fundou o referido monarcha o corpo da igreja, isto é, a parte do corpo da igreja, onde era o côro, onde se admiravam as formosas cadeiras de talha relevada.

O portal que dá entrada para esta casa é de boa cantaria, e de bonito effeito, pois que o decoram varios relevos. A casa com sua abobada de laçaria de pedra, muito bem construida, tem as paredes nuas de adornos. Mas se o architecto foi avaro na sua ornamentação interior, compençou a d'essa pobreza prodigalizando no exterior da unica janella, que lhe dá luz as galas e magnificencias d'aquella architectura gothica— florida e mesclada de feições arabes e da renascença, de que é typo o mosteiro de Santa Maria de Belem.

A gravura a pag. 1, dispensa-nos de descrever aquella formosa janella. As columnas, disfarçadas em troncos de folhagem; os pedaços de troncos recortados com os mesmos labores das columnas, e pendendo d'estas presos a grossas cadeias; os cordões, ora cahindo torcidos, ou formando laçadas; ora correndo em cercaduras, já singelas, já passando atravez de argolas; a grade de pedra que fecha a janella; o escudo das armas reaes e as esferas armillares e a cruz da ordem de Christo, que lhe servem de remate sabidas divisas do monarcha *afortunado*, todas estas esculpturas estão feitas com graça e delicadeza. Felizmente acham-se em bom estado de conservação.

A fachada da igreja, em que se abre esta rica e linda janella, vista do terraço superior do *claustro dos Fillipes*, offerece uma perspectiva famosa e de bastante magnificencia.

## OS ACONTECIMENTOS NO BRAZIL

### O BOMBARDEAMENTO DO RIO DE JANEIRO

A formosissima bahia e cidade do Rio de Janeiro, segundo a expressão do nosso illustre viajante, escriptor e paizagista, sr. A. Lopes Mendes, na sua *America Austral*, carta III, publicada no Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 12.<sup>a</sup> serie, n.<sup>o</sup> 5 e 6, é surpreendente, porque — dil-o elle — tendo percorrido uma larga parte do mundo ainda não tinhamos visto nada tão esplendido como esta primorosa obra da natureza! Só para contemplar esta maravilha do Creador merece a pena vir á America austral.

Entrando a barra, comprehendida entre a fortaleza de Santa Cruz, á direita, e o forte de S. João, á esquerda, na base do Pão de Assucar, e passando-se além da pequena ilha da Lage, entra-se na amplissima e formosa bahia, que Mem de Sá escolheu em 1567 para na margem d'ella cumprir o voto de uma excelsa rainha de Portugal e fundar uma cidade que, em menos de tres seculos, devia tornar-se rival de Lisboa.

Esta esplendida bahia do Rio de Janeiro, de Nictheroy ou do Guanabára, conhecida por todas estas tres denominações, não é formada por um rio, como quasi todas as bahias; e por isso os aborígenes, que tinham geralmente na sua linguagem nomes apropriados para designar cada localidade, lhe deram mais significativa denominação, chamando-lhe o paiz de Nictheroy ou de agua occulta, Guanabára ou seio do mar.

A forma da bahia é irregularmente triangular; a linha, segundo a qual se estende para a sua extremidade septentrional, mede 38 kilometros do Pão de Assucar a Piedade; e a que se dirige, partindo da Ponta da Pedra, a leste, para traja, a oeste, tem 25 kilometros; contando de 30 a 70 metros de profundidade.

Não é, pois, sem motivo, que se celebra a extensão immensa d'esta bahia, que se espreguiça ondulante e graciosa por uma extensa margem, verdadeiro Eden terrial, com contorno sinuoso e recortado, medindo quasi 200 kilometros e dando á paizagem inimitavel relevo. É incontestavelmente o primeiro porto do mundo!

Impellido por branda viração, e quasi sempre abrigado de perigosos ventos, o navegante que penetra no Guanabára, dirige com assombrosa surpresa a vista para uma multidão de pittorescas ilhas, todas fertilissimas e de um aspecto delicadamente artistico.

É a ilha de Villegaignon, que recorda aos francezes antigas lembranças historicas; a ilha das Cobras, com os seus famosos diques e o seu arsenal de marinha, e que defende, como aquella, o ancoradouro; a ilha dos Ratos, com edificações modernas e povoada de palmeiras; e mais adiante as ilhas das Enchadas, Santa Barbara e Bom Jesus, onde está o asylo dos invalidos da patria, edificado pelo coronel Carneiro Leão sob a inspecção do imperador.

Em seguida á ilha do Governador, que não tem menos de 13 kilometro de extensão, está a de Pa-

quetá, que se distingue pelo bellissimo aspecto e suas caieiras de mariscos, e, onde, por muito amor á sua patria, esteve deportado o patriarcha da independencia, o illustre José Bonifacio de Andrade e Silva.

Outras muitas ilhas e ilhotas, de encadradora belleza, se encontram aqui e além povoadas de bonitas e alvejantes casinhas rodeadas de opulenta vegetação.

Quando o navio fundeia no ancoradouro, a vista dirige-se naturalmente maravillada em torno d'esta grandiosa bahia sulcada de embarcações de todo o genero e de todas as potencias maritimas do globo.

O que em primeiro logar se offerece á contemplação e consideração do viajante, é a disposição orologica das montanhas que circumdam a bahia, a exuberante vegetação que as reveste, as collinas semeadas de elegantes construcções urbanas e de chácaras rodeadas de jardins; a indizível amenidade do ar atmosferico e a pureza das crystallinas aguas da bahia, aonde se reflecte esta encantadora paizagem.

Se perto de nós estão as collinas de formas arredondadas, constituídas por accumulções de argillas e marnes, interrompidas por algumas fendas accidentaes, por alguns declives irregulares, que revelam a existencia de uma infinidade de limpidas fontes, que dão vida ás plantações das chácaras, longe, ao norte da bahia, os picos gigantescos, phantasticos e nublados da Serra dos Orgãos, fazem pensar nas grandes solidões, nas florestas virgens e nos aborígenes que aqui viviam no tempo em que os europeus descobriram este paiz privilegiado.

Se o cone de granito porphyroide, cognominado Pão de Assucar, excita por seu aspecto e attitude, pois conta 392 metros de cota de nivel, a admiração do viajante, que pela primeira vez o vê, o Corcovado, que tem 684 metros de cota, não deixa uma impressão menos energica, e a forma de que lhe provém o nome representa-se em toda a extensão do Guanabára, com caracter tão pittoresco, que o distingue das outras montanhas que circumdam a bahia.

Estas montanhas são formadas de granitos porphyroides e de grandes crystaes de feldspatho rosado, como o rochedo que constitue a collina da Armação, em Nictheroy, e o granito da ilha de Paquetá; e tambem de outros granitos pardos, ligeiramente mosqueados de particulas micacias, como o da montanha do Matheus, perto da estação do Engenho Novo, na estrada de ferro D. Pedro II, e emfim de outros, claros, ligeiramente amarelados ou rosados, como os de Botafogo.

A collina de Santa Thereza, formada de gneiss claro, assim como a de S. Christovão, tendo o gneiss n'esta ultima veios brancos e pretos, são simplesmente esplendidas.

Diques de porphyro, de diversas côres, de forma e natureza da diorite, acham se sobre os flancos do Corcovado, sobre a Tijuca, na collina de Santos Rodrigues, na ilha de Villegaignon e em outros da capital do Brazil, a qual dista, aproximadamente, 6 kilometros do Pão de Assucar, onde passa o meridiano do Rio de Janeiro.

Fronteira á capital do Brazil está a cidade de Nictheroy, capital da provincia ou Estado do Rio de Janeiro, situada a leste da bahia.

Antigamente chamada villa da Praia Grande, encerra poucos edificios notaveis; mas a sua situação e os seus arrabaldes, principalmente para o lado de S. Domingos, são de uma belleza natural surpreendente.

Pouco tempo depois da descoberta do Brazil, numerosos nevegadores emprenderam successivas viagens ao littoral d'este novo continente.

Em 1502 Americo Vespucio, cosmographo florentino, fundeava no Guanabára ou porto de Santa Luzia, que mais tarde recebeu o nome de Rio de Janeiro, sendo desde 1511 conhecido tambem pela designação de bahia de Cabo Frio. No mesmo anno aqui aportou igualmente Gonçalo Coelho.

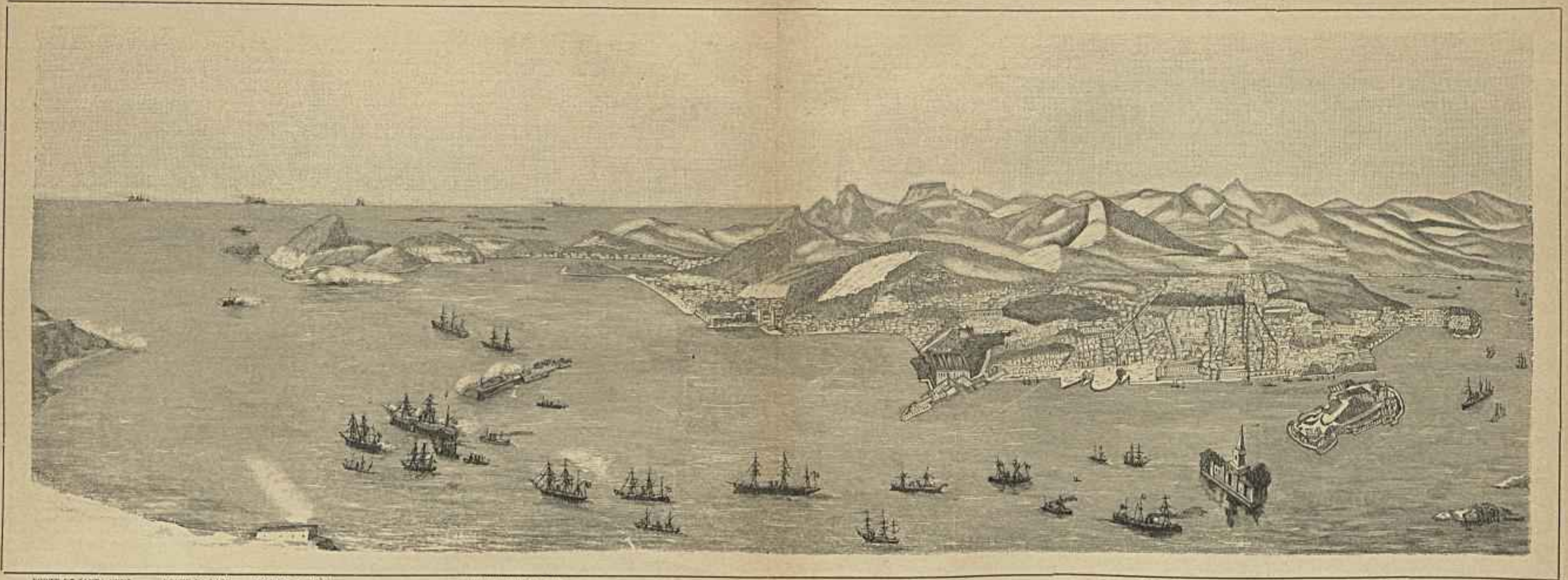
Em 1515 deu fundo n'esta bahia Juan Diaz de Solis e Pero Lopes; e em 13 de dezembro de 1519, dia de Santa Luzia, aqui aportou o nosso intrepido trasmontano Fernão de Magalhães, natural da Sabrosa da comarca de Villa Real da provincia de Traz os-Montes, e então ao serviço de Hespanha.

Demorando quatorze dias para prover a expedição de mantimentos, partiu d'esta bahia em direcção ao sul da America, onde conseguiu encontrar o estreito que tem hoje o seu nome.

Em abril de 1531, Martim Alfonso de Sousa demorava-se no Guanabára para reparar a sua frota e commerciar com os indigenas tamoyos.

Desde os primeiros descobridores da America meridional, até hoje, tem esta bahia sido visitada por numerosos viajantes illustrados, e todos elles

## OS ACONTECIMENTOS NO BRAZIL



FORTE DE SANTA CRUZ

FORTE DA LAGE

FORTE DE S. JOÃO

FORTE DE VILLAGAIGNOR

ILHA FISCAL, OU ILHA DOS BATOS

ILHA DAS COIRAS

BOMBARDEAMENTO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, VISTA TIRADA DE NICTHEROY

Composto conforme um desenho do sr. Lopes Mendes

tem prestado a sua homenagem de admiração à excelsa rainha das bahias do mundo.

Perguntando a quem a Thales de Mileto, qual era a cousa mais bonita, respondeu: — O mundo. E, por certo, o primeiro dos sete sábios da Grécia, se ao tempo d'ella fosse conhecido o Brazil, então incognito aos europeus, teria acrescentado: — e do mundo a parte mais formosa é o Guanabara. D'esta opinião será sempre a alma sensível aos grandes espectáculos da natureza.

A cidade do Rio de Janeiro não foi construída primitivamente no lugar que hoje occupa. Os primeiros colonos portuguezes edificaram seus estabelecimentos no espaço que se prolonga entre o Pão de Assucar e o Morro de S. João, e deram a este agrupamento o nome do Villa Velha. D'esta primitiva povoação não existe actualmente vestigio algum, conhecendo-se apenas a sua antiga existência pelo que a historia de si archivou.

Foram os francezes, e não os nossos antepassados, os primeiros que se estabeleceram definitivamente n'esta região em 1555, dirigidos pelo calvinista Nicolau Durand de Villegaignon, fortificando-se aqui e dando à nascente colônia e aos territorios que se estendiam até ao Rio da Prata, a denominação de França Antártica, de onde cinco annos depois foram expulsos pelo intrepido portuguez Mem de Sá.

Em 1567, quando a rainha de Portugal, D. Catharina, ordenou que se fundasse uma cidade nas margens do Guanabara, foi traçado o plano da cidade do Rio no sitio em que actualmente se eleva.

A principio fez o novo estabelecimento insignificante progresso, não passando além do espaço que hoje occupa o forte do Calabouço. Algumas casas d'esta epocha gloriosa, a fortaleza e a igreja

de S. Sebastião, que ainda existem, são monumentos authenticos da primeira cidade.

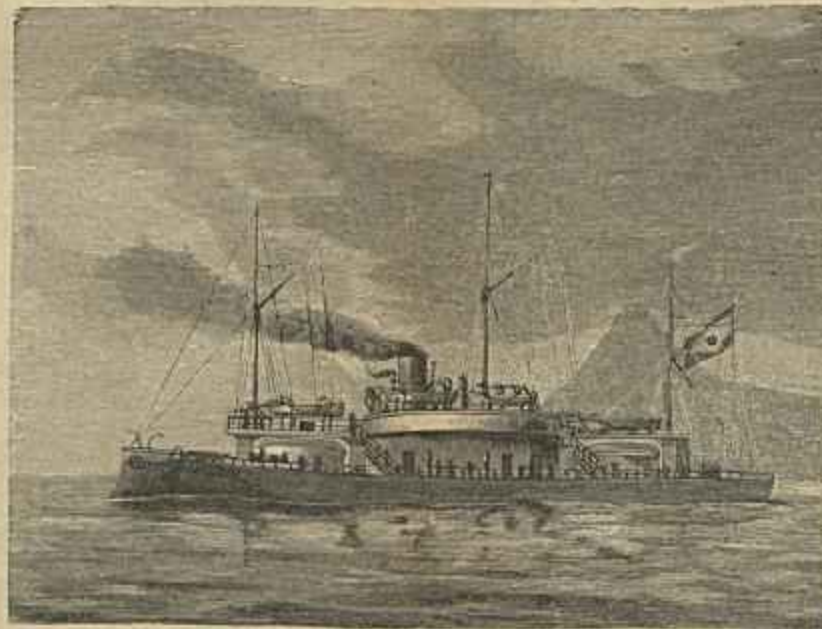
No principio do seculo xvii, quando os paulistas descobriram os abundantes jazigos de Minas Geraes, a fama d'essas riquezas atrahiu de Portugal numerosos colonos, que se estabeleceram no Rio de Janeiro.

Foi então que este grande concurso de colonos tornou indispensavel a construção de novas habitações, que foram successivamente augmentando, até atingir as grandiosas proporções de hoje.

Comprehende a cidade 2 campos, 28 praças, 33 largos, 18 ladeiras, e mais 400 ruas pela maior parte calçadas de paralelepípedos com largo movimento commercial, hiviendo cerca de 12:000 casas de negocio.

Não incluindo os arsenaes e estabelecimentos do estado, conta a industria fabril, 20 fabricas de primeira ordem pelo seu machinismo e perfeição dos productos.

Os edificios e monumentos principaes da cidade são a alfandega, as docas, os arsenaes da marinha e de guerra, o correio, a bolsa, ministerio de agricultura, banco do Brazil ou da Republica, casa da moeda, museu nacional, quartel do Campo da Acclamação, escola militar, palacio da Boa Vista antiga residencia da familia imperial; estação da estrada de ferro D. Pedro II, a penitenciaria; a academia das Bellas Artes, o thesouro nacional, a escola polytechnica, o hospital do Carmo, e o da Misericordia, instituido em 1582 pelo insigne missionario Anchieta, que nada tem a invejar aos mais perfeitos estabelecimentos hospitalares da Europa; as igrejas de S. Francisco de Paula e do Carmo, capella imperial da Sé; Sé Velha (hoje convento dos capuchinhos). Tem mais 6 conventos, 6 ordens terceiras, e mais de 100 irmandades



O COURAÇADO «JAVARY» — METTENDO A FIQUE PELA ARTHURERIA DO FORTE DE S. JOÃO

ou confrarias, e cinco cemeterios, alguns dos quaes grandiosos.

São tambem monumentos notaveis a estatu equestre de D. Pedro I Imperador do Brazil e a pedestre do grande estadista José Bonifacio de Andrade e Silva; o palacio da municipalidade; a typographia nacional; a casa de beneficencia portugueza, importantissima a todos os respeito e que muito honra os nossos benemeritos patrioticos seus fundadores e administradores; o sumptuoso edificio do gabinete portuguez de leitura, de architectura manuelina, onde mais uma vez os nossos conterraneos hão manifestado honrosamente o seu acrisolado amor da patria; o hospital para alienados, e a escola medica. O jardim botânico, o jardim do Campo de Sant'Anna, o passeio publico, o de S. Francisco de Paula e o Rocío são outras tantas obras modernas dignas de vê-se.

Os estabelecimentos scientificos são: a academia de medicina, tendo annexa a faculdade de pharmacia e o curso de dactilographia; a escola polytechnica, dividida em seis cursos: de sciencias, physico-naturaes, sciencias physico-mathematicas, engenheiro geographo, engenheiro civil, minas, artes e manufacturas. Escola militar: estado maior, artilheria, cavallaria e infantaria, tendo annexa a escola regimental onde se formam os officiaes inferiores, que alli adquirem os preparatorios para a matricula nos cursos superiores; a escola de marinha, estabelecida a bordo de uma fragata estacionada na bahia do Guanabara, tendo annexo o collegio naval; o instituto commercial; o instituto de meninos cegos; o instituto de surdos-mudos; e a academia das Bellas Artes, tendo annexo o conservatorio de musica.

A instrucção primaria é obrigatoria e ensinada em noventa e tres estabelecimentos, muitos dos

quaes, verdadeiros monumentos de architectura, são devidos à philanthropia dos habitantes da capital.

Passou a cidade do Rio em 1763 a ser a capital do Brazil, por parte da provincia do Rio de Janeiro até 1834 em que o acto adicional da constituição do imperio a separou, dando-lhe a denominação de municipio neutro e um organismo particular.

Este municipio está encravado na provincia do Rio de Janeiro; tem de superficie 1304 kilometros quadrados e abrange a capital com algumas freguezias suburbanas.

O bairro de Botafogo tem elegantes chaletes, rodeados de deliciosos jardins atrahentes e agradaveis, que nos dão a sensação de indelevel bem-estar e doce contentamento. No interior das habitações predomina o bom gosto, a harmonia e a ordem encantadora. As ruas espaçosas e bem calçadas, e os palacetes aristocraticos que as orlam, offerecem ao viajante uma agradável impressão de novidade. E' aqui que reside a elite da sociedade fluminense.

As Laranjeiras, Cattede e S. Christovão, são igualmente bairros excellentes e bellissimos.

E é esta importante cidade qu'ha cerca de tres mezes esta sendo bombardeada pelos proprios filhos do paiz, que agora começam a frequentar a escola da desgraca, a mais propria para formar caracteres fortes, rijos, severos e bondosos, como é mister e bem digno de possuir o seu paiz abençoado, onde a natureza accumulou tudo o que ha de mais prodigioso e de mais bello nos seus tres reinos!

E com effeito. «Em que parte do mundo — pergunta o nosso viajante Lopes Mendes, na sua America Austral, carta XII — os geographos e via-

jantes, nos mostram uma bahia tão ampla e formosa como a do Rio de Janeiro? Montanhas tão magestosas como a serra dos Orgãos e a da Estrella, na qual a Pedra de Itatiaia mede 3:140 metros de costa?

«Se ao norte e ao sul do Brazil não existem grandes montanhas, em compensação possui o mais completo systema hydrographico do mundo!

«Aonde existe um systema orographico, de formas tão caprichosas, como aquelle que rodeia o Guanabara?

E em que parte do mundo existirá uma região como a que se estende desde a Formosa, nas divisas orientaes de Goyaz, até aos confins de Matto Grosso?!

— Em nenhuma do nosso planeta; dirão todos os geographos que, como nós, tenham percorrido o Brazil e os diversos continentes».

### O COURAÇADO JAVARY

O couraçado *Javary* que faz o assumpto da nossa gravura das paginas 4 e 5, foi mettido a pique pela artilheria do forte de S. João, no bombardeamento do dia 23 de novembro ultimo.

Foi uma perda importante para a esquadra insurreta, porque o *Javary* era um dos melhores navios que fazia parte d'aquella esquadra.

Em um anno perdeu o Brazil tres dos seus melhores vasos de guerra e foram elles: o *Selimões* naufragado nas costas do Brazil, em maio do anno passado, no meio de um grande temporal que ali se deu; o *Almirante Barroso*, navio não couraçado de 1,960 toneladas com 12 milhas de andamento, e que naufragou no mar Vermelho, em Ras Garib a 150 milhas de Suez; e agora o *Javary*.

Este navio foi construido em França, no anno de 1875. Era todo de ferro, montando 4 peças estradas de Whit-worth em duas torres girantes protegidas por couraç de ferro de 13 pollegadas. O casco era defendido por couraç de 12 pollegadas.

Tinha 2 helicis e machinas independentes, permitindo uma evolução completa em curto tempo e n'um espaço relativamente restricto.

Media 111 metros de comprimento, por 17,40 de bocca, e 3:700 toneladas de deslocamento.

O *Javary* não era considerado navio de grande marcha. Era muito raso d'agua, o que fazia com que o mar o enxovalhasse.

Estes navios de torres não são considerados bons para navegarem no oceano, e as suas qualidades de guerra são muito prejudicadas pelos temporaes.

O reconhecimento d'estes defeitos fez com que os Estados Unidos da America não usassem na reconstrucção da sua esquadra, os monitores como navios para o oceano.

### O TORNADIÇO †

Romance historico

PELO

MORG. DE FORTINHÃES

Em maio de 1636, causava assombro em Vizeu, certo cavalleiro desconhecido que todas as tardes atravessava a cidade e tomava o caminho de Silgueiros seguido por um laçao espadaudo que a custo domava a impaciencia do valente murzello em que ia montado.

Era moço e gentil, o cavalleiro; e pelo luxo do seu vestuario listado de ouro, pelo brilho faustoso dos arreios do seu fouveiro de raça, reconhecia-se n'elle pessoa de alta gerarchia.

As casas nobres da cidade, lançaram esculcas; farejando primo; e os Lemos de S. Gemil, que se tinham como patriarchas da nobreza de Vizeu, puzeram em campo o capellão da casa, homem votado a genealogias e que, segundo a expressão dos admiradores coevos, «até conhecia sangue fidalgo pelo cheiro.» Já elle tinha dito que pelas côres da farda do laçao, o cavalleiro devia ser de grande familia; e um dia, voltou das suas indagações com os olhos em fogo, dizendo que viria um braço de corôa bordado na orla do telis, coisa de espanto que o fizera crer, por momentos, na vinda profetisada de el-rei D. Sebastião.

Mas enfim tudo se aclarou, e foi ao padre Mathias que coube a honra da descoberta. Chegou elle á casa de S. Gemil, como uma bomba, illuminada a frente por uma aureola de triumpho,

— Já sei, fidalgo, já sei! Não lh'o dizia eu? — e o padre brandia os braços em frente da gravidade historica do senhor Antonio de Lemos, morgado de S. Gemil.

— O quê?

— O tal qua passa por ahi... Não lhe disse eu que era coisa de lote? Pessoa do primeiro sangue, eu bem o disse!...

— Hum!... — rosou o fidalgo, despeitado, como se aquelle entusiasmo o ferisse no seu orgulho de raça.

— Adivinhe vossa mercê, fidalgo, adivinhe!

— Algum dos primos de Lamego ou de Villa Real, que são a modo de variados...

— Acima, meu senhor, acima!

O morgado de S. Gemil franziu o sobr'olho; — dizer que havia alguém mais nobre do que a sua familia, era offensa que não perdoava.

— Acima?... Então será talvez algum filho de el-rei nosso senhor... — disse por fim, com um apurmo de quem só admittia superioridades regias.

— Não tanto, meu senhor, não tanto: mas é sangue do melhor j — E, com voz de respeito; — E' o senhor D. Balthazar de Lara, filho do conde de Val de Bouro.

— Ah, sim, os Laras de Val-de-Bouro!... Olhe lá, padre Mathias, não houve já uma tal D. Brites de Lara casada com um Lemos?

O padre não se lembrava, mas prometeu averiguar.

O que averiguou, não sei; mas a verdade é que dois dias depois o morgado de S. Gemil armou comitiva de gala e foi fazer cumprimentos de primo a D. Balthazar de Lara, que se hospedara na quinta de S. João, um kilometro ao norte de Vizeu.

Mas não ficou satisfeito, o morgado de S. Gemil. O fidalgo de Val-de-Bouro era um frivolo que lhe fallara em cavallos quando elle tentara esmiuçar genealogias que lhe abonassem o pretendido parentesco.

Todavia, sempre achou ensejo para historiar-lhe um caso de familia, a que elle chamava «o botão de ouro das suas glorias.» Era o caso, um encontro que teve certo avô de elle, com Nosso Senhor Jesus Christo, na epocha biblica em que o evangelista doutrinava na Judeia, entre povos de creanças e de humildes. O tal avô, cujo nome não pôde averiguar, movido um dia pelas verdade christãs, misturou-se com a plebe mansa que escutava Jesus e lhe beijava, submissamente, a orla da tunica santificada. Beijou lh'a tambem, o progenitor dos Lemos, dobrando cortezamente o joelho hieratico; mas o Redemptor, apenas o viu, tomou o nos braços com respeito, dizendo bem alto, em voz commovida.

— Levante se v. ex.ª!

E com esta phrase solemne, que o morgado declamava a primor, findava a historia. †

D. Balthazar observou-lhe que ali havia desequilibrio de chronologia, pois que estav na crença de que o tratamento de excellencia não remontava ás epochas biblicas... Mas o narrador não se desorientou:

— Pois ahí é que está! Além da mercê do tratamento, está a ver-se o milagre divino, fazendo ao meu avô uma graça então desconhecida, mas que muitos seculos depois, havia de inventar-se para apanagio da alta nobreza de estes reinos! Ahí é que está, primo D. Balthazar: alem da honra, o milagre!

E a dizer se, com factos de estes á vista, que Christo não está em toda a parte!... Até nas ordenações philippinas!

A permanencia de D. Balthazar de Lara, n'aquelles sitios, explicou-se afinal, desde que um curioso mais audaz o vira rondando com ares suspeitos, o palacete dos Cordovis de Lencastre, morgados do Castanhal, ao tempo representados pela viuva mãe D. Joanna de Almeida, por seu filho Ruy Cordovil de Lencastre, que militava na corte de Madrid, e por D. Luiza, filha mais nova, a «fidalga rosa chá,» como lhe chamam os velhos documentos, alludindo, sem duvida, á sua marmorea pallidez de estatua. Vivia tambem com estes, o padre Lopo de Almeida, bacharel em canones irmão da fidalga viuva, que administrava os bens da casa e engordava santamente, na paz das missas diarias.

A noticia de que o fidalgo galanteava D. Luiza Cordovil, pôz um frisson de espanto na nobreza de Vizeu e seus suburbios: fidalgos das sete freguezias mais proximas visitavam-se a comentar

o caso, interessados pela oportunidade casadoura da idade de suas filhas.

A previsão de uma aliança entre os Cordovis e a casa Val-de-Bouro, melindrava estes dignos chefes de familia, porque todos se julgavam com nobreza sufficiente para competir com os morgados do Castanhal; nenhum se lembrava de que não havia em todo o districto de Vizeu, uns olhos negros, um perfil e uma estatuaria tão magicamente adoraveis, como os vinte e dois annos florentes de D. Luiza Cordovil de Lencastre.

A um moço bardo dos serões vizienses que isto recordava em meio de uma assembleia illustre, respondeu um capitão da familia Queiroz, que tinha brutalidades de caserna:

— Ora adeus, meu amigo! Vossa mercê está muito verde; isso são minhocas lá da cachimonia. A boniteza é um trapo; não dá honra nem proveito!

— Perdão, Cleópatra...

— Cle... quê?

— Cleópatra! rainha de Garthago, de grande belleza, cantada por todos os cultores das Musas!...

— Ora ahí tem p'ra que serve a tal boniteza; para fazer cantar os cultores. Grande prenda! Eu cá, se quero uma mulher é para me cuidar do arranjo da casa, não é para ouvir cantorias dos caizeiros!

Todas as cabeças graves se enclinaram em applauso ás palavras do capitão mór que, radiante de triumpho, anda acrescentou, voltando ao bardo a face sarcastica.

— Talvez vossa mercê ache muito acertado que uma menina de bem vá agora cazar, porque tem amor a este ou áquelle?... Ora, meu amigo, outro officio! Vossa mercê tem engenho lá para essa coisa de cantorias, mas está muito verde!

(Continúa.)



### REVISTA POLITICA

Se n'esta revista poderemos usar de certa liberdade de linguagem, que muito livremente o geral da imprensa do nosso paiz se tem permitido a licença de cultivar, ou nos fosse licito n'este logar, sem enxovalhar a nossa penna, o entrarmos a relatar casos sujos, de miserias humanas com que vae completando a sua obra de ruina, este desventurado paiz, onde se vão perdendo, em cada dia que passa, uns restos de dignidade que ainda mereciam o respeito alheio, muito teriamos que contar e esmiuçar sobre os casos politicos que occorrem na segunda quinzena do mez que findou.

Mas não nos permitimos entrar n'esse campo, pela simples razão de não costumarmos escrever o que não se pôde dizer em uma sala, entre pessoas de educação, e n'estes casos abstem'o-nos de fazer apreciações sobre a recomposição ministerial que se deu nos ultimos dias do mez, recomposição que foi um verdadeiro desastre politico, e que mais parece ter sido feita para enfraquecer o governo do que para lhe dar força.

A entrada do sr. Carlos Lobo d'Avila para a pasta das obras publicas foi geralmente mal recebida, e geralmente é o termo, porque não se limitou aos partidos de opposição, mas ainda ao proprio partido regenerador de cuja facção politica é o actual governo.

Com respeito á entrada do sr. Arouca para ministro dos negocios estrangeiros, se não houve grandes applausos tambem não houve censuras; passou quasi despercebida no meio da celeuma que o novo ministro das obras publicas levantou.

O sr. Arouca já foi ministro das obras publicas, no ministerio que o sr. Serpa formou em janeiro de 1890 e por e-sa occasião o *Ocidente* publicou o retrato de sua ex.ª com algumas notas biographicas, não repetiremos, por tanto agora o que os nossos leitores já sabem; pela mesma razão não relataremos tambem o que toda a gente sabe do novo ministro das obras publicas cuja vida politica é de todos conhecida.

Com a recomposição ministerial que se deu, sahio da pasta das obras publicas o sr. dr. Bernardino Machado, honrado e respeitavel professor da Universidade de Coimbra que deve tanto ao seu talento como á probidade do seu caracter a elevada posição que occupa na nossa sociedade.

Da pasta da fazenda sahio muito bisarramente o sr. Augusto Fuschini por não concordar com a recomposição, do que lhe damos os nossos parabens, tomando conta d'esta pasta o sr. presidente do conselho, que para isso entregou a pasta dos negocios estrangeiros ao novo ministro, sr. Arouca.

† Esta novella é baseada em factos absolutamente veridicos. Apenas, por melindres facéis de comprehender, se alterou o local da acção e os nomes dos principaes personagens.

† Esta lenda é um dos mais pittorescos padroes heraldicos de certas familias tradicionais da Beira; algumas de ellas segundo me contam, fizeram assignalar este facto extraordinario em paineis mais ou menos phantasticos.

Não se explica correntemente a razão d'esta recomposição do governo, depois de elle ter sollicitado e obtido do poder moderador, a dissolução das côrtes, como se não explica também os elementos de força que elle foi buscar na recomposição que fez.

Estes factos inexplicaveis, porém, só vem dar razão ao que escrevemos em a nossa revista do n.º 538 e de que algumas folhas politicas se occuparam então.

Vimos tarde para discutir o que já tem sido sufficientemente discutido na imprensa politica, e tanto que a tempestade d'este mar de lama vae serenando narcotizada talvez pelas proprias exhalações pestíferas.

Não seremos nós que o vamos revolver: *Res sacra miser.*

João Verdades.

## NECROLOGIO



FRANCISCO JOSÉ REZENDE

FALLECIDO EM 30 DE NOVEMBRO DE 1893

Foi em 1851, com a pouca idade de 25 annos, que Rezende entrou como professor para a Academia do Porto por um decreto especial firmado pela Rainha D. Maria II, sendo ministro Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Houve protesto por ter sido menos legal a sua nomeação mas valeu-lhe o doutissimo visconde de Seabra.

Rezende, porém, com o seu poderoso talento e a sua fecundissima imaginação viu-se apertado n'um circulo de ferro no acanhado viver do Porto, cidade em que tudo era commercio e em que as letras e as artes pequena ou nenhuma cotação tinham.

A esse tempo já o jovem pintor havia dado reiteradas provas de que não era uma vulgaridade e que pelo contrario era um talento nascente — *en herbe* — que carecia de ser acompanhado e guiado como quem guia debil haste de mimosa flor.

Em 1854, Sua Magestade El-Rei D. Fernando, que nos habituamos justificadoamente a cognominar *Rei Artista*, apaixonado pelas informações que tinha dos merecimentos do moço-pintor houve por bem conceder-lhe licença d'ir para Paris afim de proseguir nos seus estudos que tão brilhantemente havia encetado.

A esta licença juntava-se uma pensão que sahia da propria bolsa do fallecido monarcha.

Em Paris foi discipulo de mr. Yvon e elle contava isso cheio de orgulho, ao mesmo tempo que pronunciava este nome com a maior das reverencias e venerações.

Fallar-lhe de mr. Yvon era lembrar-lhe o seu segundo pae. Aprumava-se, cofiava as barbas, baixava o olhar e elucidava:

—Esse homem foi o meu verdadeiro mestre e é um dos grandes talentos da França.

Depois de voltar de Paris entrou para a Academia de Bellas Artes do Porto para exercer de novo o seu antigo cargo, em 1882 a seu pedido foi jubilado.

Foi por sem duvida um dos artistas portuguezes que mais produziu. Talvez uns cento e cinquenta quadros.

Claro é, pois, que é completamente impossivel fallar da sua grande obra nos estreitos limites d'uma noticia ao correr da penna.

A sua escola era a franceza dos tempos em que estudara e em que não se pensava ainda nos im-

pressionistas, repentistas, realistas, e em dezenas d'eschoias que em França estão produzindo todos os dias terriveis tempestades.

A sua paleta era geralmente muito limpa, dando sempre ao colorido uns tons vigorosissimos. Havia casos, talvez, em que se excedia um pouco nos quadros que não queria ou não valia a pena dar mais um pouco de acabamento.

A *touche* era livre, larga e franca; o seu pincel caminhava despreocupadamente e firme pela tela adiante. Nas suas linhas, cheias de correcção, raras vezes havia hesitações.

Nos quadros de genero encontram-se bem formados agrupamentos e as figuras, por vezes um tanto athelesicas, davam uma certa grandiosidade ás composições.

Um dos seus ultimos quadros que o Porto admirou foi o *Vareiro*. Uma scena da beira-mar com bastantes figuras das quaes se destaca um homem tocando viola, ou concertando umas redes.

Não nos recordamos exactamente o que o homenzinho, ou antes o homenzarrão estava fazendo mas o caso é que era uma figura collossal relativamente ás outras.

Nas exposições appareciam ameudadas vezes quadros de natureza morta do insigne artista.

Em paisagem não são abundantes as suas produções. Recordamo-nos de duas, sendo uma d'ellas das margens do Douro e outra das margens do Minho.

N'estes quadros ha uma qualidade sobremodo agradável a vista e o seu author tinha-os em bastante apreço. Quando o seu benemerito e antigo protector o sr. D. Fernando passara a ultima vez no Porto, sabemos que manifestara desejos de ver os alludidos quadros que pertencem a um amador d'objectos d'arte, o sr. Antonio Maria Cabral e de que o extinto era intimo amigo.

No primeiro plano figura o sr. Moreira Cabral; no rio Douro em fato de caçador e no rio Minho pescando à linha.

Um dos quadros do finado que fez muito barulho no mundo artistico dos tempos passados foi *Luiz de Camões salvando os Luziadas*. Era uma das suas joias e que tivemos occasião de ver na Exposição Internacional de Paris em 1867, conjunctamente com os seguintes quadrosinhos: *Vareiro*, *Busto de sua filha*, *Mulher da Mortoza*, *Camponeza de Braga*, etc.

Francisco José Rezende retratou repetidas vezes a familia remanente de Portugal. Os ultimos retratos foram os da senhora D. Maria Pia e do senhor D. Carlos para a secretaria da Misericordia do Porto, aonde se acham collocados em frente do celebre quadro *Fons vite* attribuido a Holbein e para a restauração do qual muito concorreu Rezende dando o seu sabio conselho.

Francisco Rezende foi talvez dos pintores que mais retratos fez do fallecido monarcha D. Luiz I. Encontra-se este retrato, e quasi sempre de tamanho natural, na Camara municipal de Vallongo, no Theatre de S. João do Porto, na Associação Commercial do Porto, no Gabinete de leitura do Rio de Janeiro, na Escola normal do Porto, no Atheneu Portuense, na Secretaria da Santa Casa da Misericordia do Porto e enfim na cidade da Praia, ignoramos aonde.

Seria demasiado longo designar aonde param as suas numerosas produções, comtudo, será curioso saber-se que as seguintes foram adquiridas pelo Senhor D. Fernando: *Torquato Tasso*, *Camões salvando os Luziadas*, *A oração da manhã*, *Lágrimas de mãe*, *A miseria*, *Varina*, *Camponezes dos Carvalhos*, *Retrato do auctor e de Pinho da Costa* e *Ferreiros na forja*.

Muitos dos seus quadros foram para longe da patria: *A Santissima Trindade* foi para S. Paulo; *A Camponeza da Mortosa* e *O Vareiro*, para Madrid; *A Felicidade* e *A Miseria* para a Belgica e *Os Pescadores de Leça* para Londres.

No Porto ha muitos mais quadros, de Rezende alem dos dois que mencionamos pertencentes ao sr. Antonio Moreira Cabral e que tambem possui duas pequenas paisagens e o retrato de sua fallecida mãe.

A *Proecissão das Almas* e outros quadros de somenos importancia acham-se na galeria do sr. Antonio José da Silva e *O Tocador da viola* pertence ao sr. Antonio José da Silva Junior.

Os srs. Ernesto Pinheiro, Firmínio Pereira e Henrique Marinho possuem varios esboços do malgrado artista.

AO sr. Aloysio A. de Seabra pertence um quadro de costumes nacionaes e uns tres ou quatro esboços, e na galeria do sr. visconde da Trindade (José) tambem se encontram alguns trabalhos do pintor portuense.

A sua derradeira obra de mais folego foi *A apothose de Hahnemann*, o grande fundador da homeopatia, que lhe havia sido encomendado para

o Rio de Janeiro. Concluido o quadro levantaram-se certas duvidas, não sabemos a proposito do que, mas, por fim, foi comprado pela quantia de vinte contos de réis tracos pelo conde de Leopoldina e lá está no Rio de Janeiro.

Como escultor legou o finado varios trabalhos (1), entre os quaes sobresahia um soberbo busto de Camões que sahiu das suas mãos por occasião do tricentenario do inspirado cantor dos *Luziadas*. A imprensa da epocha occupou-se largamente d'esta produção, nova revelação do seu genio artistico e o qual infelizmente ainda não foi reproduzido em bronze, como fora projectado, achando-se por consequente, muito arriscado a perder-se apezar de estar cautelosamente guardado em um dos gabinetes do Palacio de Crystal Portuense.

O illustre extinto era um artista de raça. O seu bello espirito estava incessantemente preoccupado com tudo quanto tivesse ligação com a arte e reuniu tres dotes que raras vezes se encontram n'um unico individuo. Pintava, esculpia, e ao mesmo tempo era apreciabilissimo escriptor. As suas cartas de Paris por occasião da Exposição de 1867, dirigidas ao sr. Conde de Samodães e publicadas no *Commercio do Porto*, ainda hoje podem ser lidas com aproveitamento pois que se encontra bem definida a opinião do auctor sobre o merito dos pintores que concorreram aquelle grandioso certamen internacional.

Numerosos artigos de critica artistica acham-se dispersos pelos jornaes portuguezes, sempre correctamente escriptos em estilo singelo, conciso e claro.

Francisco José Rezende não tinha nenhuma condecoração portugueza, apezar d'ellas serem bem vulgares entre nós. E' que provavelmente nunca as solicitara.

Na lapella da sua casaca vimos todavia scintillar, nos actos officiaes, a condecoração de cavalleiro de S. Mauricio e S. Lazaro com que Victor Manuel o distinguira, e sobre o peito pendia lhe ás vezes o medalhão da Sociedade Humanitaria do Porto. Aquella a que elle ligava comtudo maior apreço era a dadiwa de Sua Magestade El-Rei D. Fernando: dois botões de brilhantes e um alfinete para gravata.

O resto de sua vida foi dolorosissimo. Em 1890 começou a soffrir de dyspepsia e logo em seguida sobreveiu lhe um cortejo terrivel de incommodos: a anemia, inflammações intestinaes, etc.

Luctou resignadamente até que, aos 30 de novembro ultimo, a morte o veiu descançar.

Contava apenas 67 annos pois havia nascido aos 3 de dezembro de 1825.

As suas cinzas repousam em uma campa raza no cemiteria d'Agromonte.

Porto.

Alvaro de Mello



BARÃO DE HOWORTH DE SACAVEM

FALLECIDO EM 11 DE DEZEMBRO DE 1893

John Stott Howorth, barão de Sacavem, nasceu em Facet-Lancashire, Inglaterra, aos 4 de maio de 1829, e falleceu n'esta cidade pelas 3

(1) Cabeça de Christo. A policia e a mulherzinha... Fobre mãe, Desventurada patria, Cabeça de varrio Ze potinho, O odio, etc.

horas da madrugada do dia 11 de dezembro do anno proximo passado; tendo, por conseguinte, 65 annos incompletos.

Era filho de John e Mary Howorth. Casou em 5 de agosto de 1852 com a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Alice Rawstron, actual baroneza de Sacavem, de quem teve uma unica filha, que morreu de menor idade.

John Howorth veio muito novo para Portugal conservando-se todavia em Lisboa, onde era estimadissimo, durante a sua longa e honrosissima carreira commercial. Entrou como caixeiro na casa Ashworth & C.<sup>a</sup>, uma das firmas commerciaes mais importantes e respeitaveis d'aquella epocha;—e tal foi o seu procedimento e intelligencia, que, annos depois, era nomeado socio da casa, ficando mais tarde unico mandatario com seu irmão Guilherme João Howorth.

A casa Ashworth & C.<sup>a</sup>, tinha por especialidade o negocio de baetas; e, por isso, o nosso biographado era geralmente conhecido na praça pelo *João das baetas*.

Intelligencia pouco vulgar, achava-se acanhado no seu meio commercial;—desejava ir mais longe; e, de resto, tornar-se util ao paiz que o recebera como filho. Estava então a industria fabril em Portugal n'um estado de perfeito rachitismo;—tornava-se necessario lutar com tenacidade, sacrificar capitães, a fim de lhe dar a vitalidade precisa.

Foi então qua o barão Howorth, com o seu genio arrojado e emprehendedor, não olhando a sacrificio algum, ousou montar successivamente com seu irmão Guilherme Howorth, as seguintes fabricas:—Moagens do Terreiro do Trigo, da Companhia do gaz de Coimbra e Porto, da Fabrica de Fiação de Xabregas, e em 1800 a Real Fabrica de louça de Sacavem.

Esta ultima veio preencher na industria uma lacuna importantissima em Portugal. A louça de uso era quasi toda importada, a manufactura portugueza existia, mas, de tal forma, que ninguem honrava o fabrico nacional.

Um dos primeiros modelos apresentados, foi o conhecido prato do *Cavallinho*; e, tão conhecido elle ficou, que, apesar dos elegantes desenhos que a fabrica de Sacavem está continuamente apresentando, ainda hoje se pergunta pelo celebre prato do *Cavallinho*.

O publico é assim:—uma creança ideal!—tem sempre o ideal das primeiras impressões.

Igualmente tentou a construcção de um caminho de ferro para Cintra, de sociedade com o barão Lacoq;—do qual obteve a concessão e se fizeram trabalhos bastante importantes; mas não chegou a funcionar.

El-rei D. Fernando era-lhe muito dedicado. A esse respeito contou o nosso estimavel collega *O Seculo* o seguinte e engraçado episodio:

«O barão de Sacavem, durante muitos annos brindara o sr. D. Fernando no dia do seu anniversario natalicio, 29 de outubro, com uma perna de carneiro, que especialmente mandava vir de Londres. Um anno, porém, aquella eguaria chegou effectivamente no dia 29, mas a horas a que já não era possível preparar a devidamente para aquelle dia. Então, sabendo d'este facto, o sr. D. Fernando mandou a collocar sobre a mesa de jantar, mesmo crua, fazendo assim as honras ao presente do seu amigo.»

De resto o barão Howorth allia a sua muita intelligencia e actividade, um character extremamente affavel, e um coração de ouro:—o seu verdadeiro alvo era a caridade.

Inglez de nascença, mas portuguez de convicção, soube bem demonstrar quanto lhe era querido este cantinho da Europa que o adoptara como filho, quando, em Portugal, se recebeu o *ultimatum* britannico. Um dia, se bem nos recorda, seguiu o barão por uma das ruas da baixa com seu sobrinho o sr. Henrique Howorth, deputado do parlamento inglez, e notavel historiador, que, n'essa occasião, se achava entre nós; quando, inesperadamente, foi rodeado por um grupo de populares que gritavam:—*Abaixo os ingleses!* etc.

O barão com o seu sangue frio habitual parou diante do grupo, e disse-lhe:—Viva Portugal! Eu tambem sou portuguez! A resposta foi uma unanime salva de palmas de todos os populares.

O barão de Howorth tencionava partir para Inglaterra no dia 13 de dezembro, a fim de ir buscar sua esposa, como todos os annos costumava; mas, antes d'isso, como despedida, lembrou-se de offerer um *lunch* em Sacavem a algumas pessoas de familia e amisade. Eram 13 ao todo os convidados, incluindo o barão. Ao *toast* fizeram-se diversos brindes, entre os quaes especializaremos o do nosso bom amigo e collega Men-

donça e Costa, que foi bastante notavel, e ao qual o barão respondeu commovidissimo.

Coincidencia notavel:—o enfermeiro que o acompanhou na sua rapida doença, (uma pneumonia dupla), e lhe assistiu aos ultimos momentos, vinha casualmente no wagon onde voltavam aquelles que tão alegremente tinham assistido a tão sympathica festa de familia.

O seu saimento fnebre foi imponente:—uma das grandes demonstrações de saudade e sympathia a que temos assistido; mais de 500 pessoas quizeram prestar homenagem ao illustre extinto, ao venerando ancião, que foi um benemerito da industria, um amigo dos pobres e... das andorinhas!

Paz á sua alma.

Em homenagem aos muitos serviços prestados pelo barão Howorth e muito especialmente á classe operaria da sua fabrica, que perdeu n'elle um bom chefe e amigo, a camara municipal approvou que seja dado á rua dos Serralheiros, em Sacavem, o nome da rua do *Barão Howorth de Sacavem*.



CONSELHEIRO JOSÉ DE MELLO GOUVEIA

FALLECIDO EM 15 DE DEZEMBRO DE 1893

Foi no dia 15 do passado mez de dezembro, que, na idade de 79 annos completos falleceu o sr. conselheiro José de Mello Gouveia, digno par do reino a que foi elevado em 1880 e vogal do Supremo Tribunal Administrativo.

Nascido em Coimbra a 12 de dezembro de 1815, foi o sr. Mello Gouveia, ainda muito novo, perseguido e preso durante as luctas do governo absolutista, em consequencia não só das suas idéas liberaes, mas mais ainda por ser filho de um homem reconhecidamente liberal. Começou a sua vida publica em 1845, sendo despachado official maior do governo civil de Coimbra, occupando depois o lugar de secretario geral de Villa Real de Traz os Montes, de administrador geral das mattas nacionaes, de governador civil de Leiria, de Vianna do Castello, de Viseu e do Porto, lugar de que não tomou posse, por ser em 29 de outubro de 1870, nomeado ministro da marinha e ultramar pelo gabinete presidido pelo duque de Avila e Bolama. No seguinte anno geriu tambem, interinamente a pasta da justiça desde 30 de janeiro a 1 de março de 1871. Quando cahiu o gabinete regenerador, fazendo parte do grupo avilista, entrou de novo para o poder com o sr. duque de Avila, geriu a pasta da marinha desde 5 de março de 1877 até 29 de janeiro de 1878 e interinamente da fazenda, pela saída do sr. Carlos Bento, desde 10 de setembro 1877 até 29 de janeiro de 1878. Voltou mais tarde a gerir a pasta da marinha desde 14 de novembro de 1881 a 30 de janeiro de 1883, e por ultimo, em 1890, no ministerio presidido pelo senhor general João Chrysostomo, como ministro da fazenda demorando-se ali pouco tempo.

Era natural, como acima dissémos, de Coimbra e formado em Philosophia. Era um homem de bem, respeitavel e como tambem se vê, dos importantes cargos que desempenhou, com uma larga experiencia dos negocios publicos. Honrado e bom, possuia grande numero d'amigos. Uma pneumonia gerada por antigas doenças o prostraram enumerando-o na infinda lista dos que vão indo para não mais voltar.



DR. FRANCISCO IGNACIO LOPES

FALLECIDO EM 2 DE DEZEMBRO DE 1893

O honrado cidadão, cujo retrato publicamos, foi um dos homens a que, com mais justiça e maior propriedade, se pode chamar um benemerito.

No decorrer d'estas curtas linhas se verá quanto assim foi.

O dr. Francisco Ignacio Lopes, era natural de Almada, essa villa a que prestou tantas provas de affeição e de que nunca se esqueceu no exercicio dos diversos cargos publicos a que foi chamado.

Nasceu a 3 de agosto de 1806 e foram seus paes Ignacio José Lopes, primeiro cirurgião da Armada Real, e D. Maria do Carmo Lopes, pessoas, tão nobres pelo sangue como pelo coração.

Tendo, apenas 21 annos, terminou os seus estudos na Escola Medica de Lisboa, tendo lugar a sua formatura em 1827, começando o exercicio clinico, com tanta proficiencia, que dentro de pouco tempo era apontado como o mais habil da localidade. Correspondendo á opinião publica, a camara, em junho de 1830, nomeou-o medico do partido do municipio, e em seguida o governo conferiu-lhe o cargo de delegado de cirurgião mór do Reino na comarca de Setubal.

Poucas são as pessoas que desconhecem as vicissitudes d'esta epocha e portanto bem facil será o comprehender o quanto de importante mostra a sua nomeação em julho de 1833, pelo novo governo, de cirurgião mór da guarnição do castello e linhas de defeza de Almada; provando, isto, bem a importancia, que, em tão verdes annos já o benemerito extinto, gozava.

Os innumerados melhoramentos que á sua terra natal authrogou, foram tantos como notaveis. Nos annos de 1850 a 1858, foi sua a creação de soccorros a incendios, construcções de poços, nos sitios em que não haviam aguas publicas como por exemplo em Valle de Rosal e Romeira, sendo o segundo o melhor no genaro; reedificou o chafariz da Fonte Santa, restaurou estradas, entre as quaes as seguintes: caminho novo para a Costa, calçada de Cacilhas, calçada da Fonte da Pipa, calçada da Trafaria e ainda muitas outras, taes como a das Amendoeiras, Mutella, Pombal, etc. etc.

Isto, tudo, conseguiu o illustrado clinico devido a que, em 1850 — procedendo se a eleições municipaes foi eleito vereador e a camara, depois, o elegeu seu presidente.

As construcções que se fizeram sob os seus auspicios tambem foram importantes: a capella do cemiterio, a praça e casa do acougue; casa para a bomba etc. Voltando em 1860 a exercer esse cargo, novos melhoramentos se deram: illuminação de Cacilhas e Almada, o grande caes do Ginjal, etc.

Repetidas vezes eleito á junta geral do districto, foi por ella, tambem, eleito membro da sua commissão executiva. Em 1860 foi deputado ás côrtes pelo circulo de Almada, sendo reeleito tres vezes até 15 de janeiro de 1868.

Em 1880, novamente foi eleito procurador á junta geral do districto e reeleito em 1886. Ainda ali não descançou e datam d'essa epocha propostas suas de altissimo valor para a camara de Almada.

Regenerador convicto, nunca se desmentiu, e só com a morte do conselheiro Fontes Pereira de Mello, elle se retirou da vida politica. Assim tolerante em politica, affavel para todos, só teve uma idéa, — idéa que existiu sempre e que o acompanhou até ao dia 2 de dezembro de 1893, dia em que falleceu, — a de ser util.